



As abordagens de um conflito: a Guerra do Paraguai (1864-1870) nos Livros Didáticos do PNLD-EM (2012-2014).

TIAGO GOMES DE ARAÚJO¹

A presente análise se deterá sobre os conteúdos, as explicações e as tendências historiográficas sobre a Guerra do Paraguai (1864-1870) contidas nos Livros Didáticos selecionados pelo *Programa Nacional do Livro Didático* (PNLD) para o triênio 2012-2014, especificamente ao Ensino Médio.

De acordo com o *Guia de livros didáticos*: PNLD 2012 foram selecionadas dezenove coleções de obras de História para distribuição em escolas públicas federais, estaduais e municipais em todo o Brasil, tarefa realizada pelo *Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação*. As orientações da escolha seguem as normativas constantes do Decreto n. 7084 de 27 de janeiro de 2010 que dispõe sobre os programas de material didático e dá outras providências.

Ao selecionar o material didático que é disponibilizado às escolas pretendemos indicar quais os caminhos historiográficos que os autores e autoras dos livros didáticos percorreram ao analisar o conflito platino, mais propriamente apontar a qualidade do referido recurso enquanto opção analítica de qualidade, ou ao contrário, se ainda trazem concepções carregadas de sentidos ideológicos, sem oportunizar a devida reflexão sobre os encaminhamentos histórico-sociais da Guerra do Paraguai (1864-1870).

Desta forma enunciamos alguns aspectos presentes nas treze coleções selecionadas: (a) os conteúdos e as formas pelas quais a Guerra do Paraguai é abordada; (b) as tendências explicativas do conflito; (c) a existência de exercícios e atividades sobre a temática da guerra (d) possível utilização de elementos criativos e inovadores no que se relaciona ao estudo da guerra;

¹ Licenciado e Bacharel em História pela Universidade de Brasília (2002). Mestre e Doutor em História Social pelo *Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília* (2005, 2012). Professor da Educação Básica Técnica e Tecnológica do *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG)*, câmpus Águas Lindas.



[Nos dedicamos ao estudo de treze coleções de livros didáticos do PNLD 2012-2014 - EM, mormente aos capítulos dedicados ao conflito platino, que estão em sua maioria inseridos como conteúdos do 2º ano do Ensino Médio, e, portanto, constam dos volumes segundos das citadas coleções, de um total de três volumes que integram as coleções didáticas.

Como interlocutores do debate traremos autores que elaboraram reflexões sobre a utilização de Livros Didáticos como ferramentas analíticas e metodológicas, ponderando seu potencial, bem como sugerindo melhorias nos processos de produção e seleção de obras didáticas a partir de perspectivas historiográficas contemporâneas, além de reforçar o relevante papel que seu adequado uso e utilização trazem para a comunidade escolar.

A nossa reflexão se orientou a partir do entendimento que a produção historiográfica segue “os sentidos e significados que a subjetividade historiadora e os fatores externos a ela, política editorial e lógica profissional, impingem ao fazer historiográfico, ou seja, a História entendida como disciplina, prática e escrita” (CERTEAU, 1982: 66).

Em grande medida, os livros didáticos podem ser lidos e entendidos como a visualização de "ausências" e ao mesmo tempo "presenças" (CHARTIER, 1990), pois carregados pela perspectiva historiográfica conduzem aos caminhos repletos por seleções e escolhas propositadas ou não de seus autores e autoras, (re) produtores, assim de construções representacionais.

Tal escopo conduz aos processos de significação e ressignificação das abordagens e entendimentos concernentes aos livros didáticos, que podem redundar no que Rüsen (2001) adjetiva como "consciência histórica", da capacidade que uma Didática da História responsável e compromissada certamente trará aos envolvidos no esteio do ensino e da aprendizagem.

A seguir, passaremos à reflexão das abordagens do conflito platino nos livros didáticos selecionados, intencionando colaborar na tentativa de elucidação dos caminhos historiográficos percorridos pelos autores e autoras das obras.

Na *História: Geral e do Brasil*, o autor destacou a atuação brasileira no âmbito das relações internacionais, enfatizando o interesse do governo imperial em “garantir o predomínio do país na região do Prata e a livre navegação pela bacia, para proteger os interesses comerciais e geopolíticas do Brasil” (MORAES, 2010: 177).



Moraes realizou sua análise do conflito, indicando a relevância do embate para a “história política da América do Sul” (MORAES, 2010:187). O autor defendeu a tese de que as causas do conflito foram relacionadas às tensões e lutas em torno da hegemonia na região platina, ou seja, como produto histórico da formação dos Estados Nacionais brasileiro, uruguaio, argentino e paraguaio. Além disso, a obra mencionou a ligação entre as consequências internas e a crise da Monarquia brasileira.

A narrativa em torno das origens da guerra parece atualizada com os recentes estudos históricos sobre o conflito. A comparação entre as forças bélicas paraguaias e brasileiras é abordada, mostrando o descompasso inicial entre o Exército destes países.

O autor mencionou as práticas de recrutamentos forçados e compulsórios, além da concessão de escravos para lutarem nos campos de batalha. No entanto, não há menção à Campanha de Voluntários da Pátria como estratégia de captação de indivíduos interessados em defender os interesses brasileiros.

Apesar das reflexões sobre a Guerra do Paraguai se mostrarem, muitas das vezes, afinadas com a nova historiografia do conflito, o discurso pareceu imbuído pela historiografia marxista da década de 1970, que associava aquele evento histórico aos interesses britânicos e seu desfecho a uma paralisia ou mesmo obstrução do pretenso processo de modernização paraguaia.

O autor elaborou uma subseção que se dedicou exclusivamente à explicação dos desdobramentos internos da guerra, configurados a partir da anexação de novos territórios ao Império, mas por contradição, elevou a dívida externa do país com a Inglaterra, cenário que gerou críticas à condução política da Monarquia brasileira.

A obra *História Geral e do Brasil*, de José Geraldo Vinci de Moraes, trouxe aspectos gráficos que não seduzem o leitor. O autor apresenta apenas uma fotografia que retrata a situação de prisioneiros brasileiros no campo de batalha e ainda a tela de Pedro Américo, intitulada como *Passagem do Chaco* (1871).

Sobre as estratégias de avaliação da aprendizagem da temática, a obra sugere duas atividades: (a) “Para Refletir” e, (b) “Revisão de Aprofundamento”. No entanto não há nenhuma sugestão à análise da Guerra do Paraguai. Na seção “Questões de Vestibular e do ENEM” o autor propôs uma atividade sobre a Guerra do Paraguai.



O livro didático *História Geral e Brasil* indicou de forma resumida os principais acontecimentos ocorridos durante a Guerra do Paraguai, apesar de ainda se prender a algumas interpretações que já foram revisitadas por historiadores especializados no estudo daquela contenda. De toda forma, a obra possui méritos e pode ser utilizada como fonte interpretativa, desde que sejam feitas as devidas ressalvas.

O livro didático *Caminhos do Homem: história* é de autoria de Flávio Berutti. A exemplo de *História Geral e Brasil* a obra relacionou os desdobramentos políticos, sociais e econômicos da Guerra do Paraguai ao fim da Monarquia e a Proclamação da República no Brasil.

Flávio Berutti organizou o livro didático em seções com diferentes teores e intenções explicativas, ferramenta que integrou o projeto gráfico da obra. Ao tentar chamar atenção do estudante-leitor, o autor cometeu alguns excessos, pois o aspecto visual ficou por vezes confuso.

No que se refere à Guerra do Paraguai, o autor elaborou uma espécie de caixa-diálogo intitulada de “Hiperlink” onde estimulou o discente ao aprofundamento do tema por meio de recursos variados. Inicialmente, o texto destacou a união entre Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai, numa guerra “que é considerada a mais sangrenta do continente e que se estendeu de 1864 a 1870” (BERUTTI, 2010: 256).

A obra apresentou um mapa adaptado de um atlas histórico escolar impresso no final da década de 1970. Isoladamente, este recurso fez muito sentido, pois existe material cartográfico mais atualizado e que atende mais adequadamente ao objetivo proposto pelo autor. A intenção foi apenas apresentar as principais batalhas da guerra.

Vale destacar que Flávio Berutti mostrou sinais de que acompanha a discussão historiográfica sobre a temática, pois resumiu bem as principais tendências que tentam compreender os encadeamentos sociais, políticos, econômicos e culturais da Guerra do Paraguai.

A iniciativa do autor em apresentar as versões interpretativas da Guerra do Paraguai nos parece válida, pois desta forma o docente pode complementar suas aulas, pontuando os porquês, os sentidos, os significados e as condições de produção, instigando os debates e a discussão qualitativa da temática.



Além disso, o livro didático *Caminhos do Homem: história* mostra a tela de Victor Meirelles, pintor histórico brasileiro, que produziu duas telas que retrataram a guerra: *Combate Naval do Riachuelo* e *Passagem de Humaitá*. Flávio Berutti faz um breve histórico das condições nas quais foram produzidas estas obras de arte, auxiliando assim no desvendamento das intenções e dos objetivos envolvidos naquela imagem.

A charge “De volta do Paraguai” produzida por Ângelo Agostini e publicada no jornal *A vida Fluminense* também foi trazida a tona, pois mostrou ao estudante um cenário comum do pós-guerra, um soldado vitorioso que retorna ao seu país, mas que vê sua mãe amarrada a um tronco.

Ao final da seção “Hiperlink” o autor apontou trechos de um artigo que discute as diferentes formas como a Guerra do Paraguai é tratada em livros didáticos dos países envolvidos nos embates. O texto sugeriu que o tema ainda está envolto em polêmicas, citando o exemplo de manual didático paraguaio que ressalta a figura de Solano López como herói primeiro da nação.

Flávio Berutti em *Caminhos do Homem: história* propõe aos alunos a resolução de três questões subjetivas, para o aperfeiçoamento do estudo. Ao final do volume encontramos a sinopse do filme *Guerra do Brasil – Toda a verdade sobre a Guerra do Paraguai*.

Ao privilegiar os aspectos gráficos do livro didático, nos ressentimos de um debate mais profícuo sobre as interpretações da Guerra do Paraguai, pois o autor apenas as apresentou. Não encontramos na obra, por exemplo, nenhuma estatística que apresente o número de mortos durante as batalhas, muito menos informações sobre a alta taxa de mortandade provocada por doenças infecto-contagiosas devido às péssimas condições de sobrevivência no *front*.

A próxima obra a ser analisada, *História Global: Brasil e Geral* é de autoria de Gilberto Cotrim. O capítulo sobre a Guerra do Paraguai se iniciou com um esboço explicativo sobre a política externa e os conflitos internacionais no Segundo Reinado, destacando a Questão Christie, a Questão Platina e a Guerra do Paraguai.

Quanto ao conflito a obra pontua sua origem como “um desdobramento da intervenção brasileira no Uruguai” (COTRIM, 2010: 277). Identifica-se a preocupação em apontar a guerra sob distintos vieses explicativos, mas também a afirmação de que se tratou do “mais longo e sangrento episódio bélico ocorrido na América do Sul” (COTRIM, 2010: 277).



O livro didático apresentou os motivos que conduziram às hostilidades: o aprisionamento do navio brasileiro *Marquês de Olinda* em 1864 e a deposição do presidente uruguaio Aguirre, aliado de Solano López. Mencionou-se o rompimento diplomático entre o Brasil e o Paraguai e o posterior apoio da Argentina e do Uruguai à Monarquia brasileira, formando-se assim a Tríplice Aliança.

Vale ressaltar a iniciativa da obra em pontuar as diversas interpretações do conflito, trazendo trechos dos textos do historiador argentino León Pomer, representante da historiografia que analisa o conflito como sendo gestado pelo interesse inglês, e portanto, produto do imperialismo britânico. Os estudos mais recentes realizados a partir da década de 1990 também estão contemplados a partir dos trabalhos de Francisco Doratioto e Ricardo Salles, que procuraram construir uma “versão menos ideológica, mais coerente e bem apoiada em documentos” (COTRIM, 2010: 281).

O autor de *História Global: Brasil e Geral* propôs aos alunos uma atividade na qual possam perceber as distintas versões da Guerra do Paraguai. Registra-se a presença de imagens, *Combate naval do Riachuelo*, de Victor Meirelles e uma pintura do argentino Cândido López, retratando uma enfermaria com soldados feridos na Guerra do Paraguai. Os docentes e discentes podem se utilizar e realizar uma atividade a partir de um mapa que registrou as batalhas travadas durante o conflito.

O autor se preocupou em apresentar as estatísticas das perdas humanas nos campos de batalha paraguaios, dizendo que “embora haja divergências entre os estudos históricos”, de qualquer forma a Guerra do Paraguai se configurou como o “conflito mais sangrento da história sul-americana” (COTRIM, 2010: 281-282).

O livro didático se referiu aos efeitos internos da guerra quais sejam: o aumento da dívida externa brasileira e o fortalecimento do exército como instituição. No *box* intitulado “desdobramentos da Guerra do Paraguai”, o autor trouxe a contribuição do historiador inglês Leslie Bethell.

A *História Global: Brasil e Geral*, de Gilberto Cotrim, é um livro didático que pode facilmente ser utilizado por professores e alunos do Ensino Médio, pois pareceu preocupado em apontar as distintas interpretações do conflito, além de propor atividades sobre os motivos, as consequências e os desdobramentos da guerra. Os recursos imagéticos foram utilizados



com zelo e cuidado, ajudando os alunos a refletirem sobre a temática por meio de linguagens e fonte diversas.

Flávio de Campos e Regina Claro organizaram *A Escrita da História*. Os autores dedicaram apenas uma página para a apresentação da temática. As origens da guerra estão associadas à formação dos Estados Nacionais platinas no cenário das relações internacionais oitocentistas, o que revelou atualização historiográfica, apesar de mencionarem a “intrincada rede de alianças” (CAMPOS; CLARO: 227) como resultado do “financiamento e apoio da poderosa Inglaterra” (CAMPOS; CLARO: 227), insinuando que a contenda foi estimulada pela ação do Império britânico.

O livro didático não explicitou adequadamente o papel da Campanha de Voluntários da Pátria como elemento de recrutamento de forças bélicas, mas pontuaram que “a fragilidade material e a escassez de soldados e a falta de profissionalização ficaram patentes durante o conflito” (CAMPOS; CLARO: 227).

A Escrita da História relacionou os resultados da Guerra do Paraguai como elementos que prenunciaram o fim da Monarquia brasileira. Finalmente, os autores trouxeram apenas uma sugestão de atividade relacionada à Guerra do Paraguai.

Marco Cesar Pellegrini, Adriana Machado Dias e Keila Grinberg organizaram o livro didático *Novo Olhar História*. As explicações sobre os precedentes do conflito foram bem pontuadas; existiu a preocupação em marcar a região do Prata como espaço nevrálgico desde os tempos coloniais, fatores que coadunam com a análise da corrente historiográfica contemporânea.

Há menções sobre a Campanha de Voluntários da Pátria, a participação de escravos na guerra e a prática de recrutamentos forçados como ações necessárias para a formação de corpos de combatentes a lutarem nos campos de batalha.

Pellegrini, Dias e Grinberg se ocuparam também da seleção de imagens que pudessem ser utilizadas como fontes históricas explicativas ao conflito: mapa da região do Prata, pintura histórica de Cândido López e caricatura de Ângelo Agostini. Sugere-se a produção textual discente sobre a temática da guerra, e encontramos na seção “Pontos de vista” um excerto que apresenta as três versões historiográficas da Guerra do Paraguai.

Os autores não teceram maiores considerações sobre o fim do conflito, além de não mencionarem a participação da Inglaterra no embate. Apesar disto, a obra se ocupou bem da



reflexão sobre o desenrolar da guerra, procurando diversificar o suporte documental de análise.

O livro didático *História: o longo século XIX* de autoria de Ronaldo Vainfas, Sheila de Castro e Jorge Ferreira é a obra que dedicou maior espaço para o estudo da Guerra do Paraguai. Na seção *A questão platina*, os autores interpretaram os antecedentes do conflito, ressaltando a importância estratégica da região platina. Indicações sobre as origens da contenda foram disponibilizadas: a questão uruguaia, os interesses paraguaios e os anseios brasileiros e argentinos quanto à livre navegação no rio Paraguai.

A obra enfatizou a formação da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai), a participação de Voluntários da Pátria e o despreparo militar das tropas aliadas nos combates. Além de indicar o Paraguai como o principal derrotado na guerra. Observa-se a relação do conflito com a abolição da escravidão, com a Questão Militar e, conseqüentemente, com o fim do Império. Vale mencionar ainda, que os autores se preocuparam em revelar a participação de mulheres *no front*.

Na seção “Conversa de Historiador”, encontramos a proposta de atividade discente no que se relaciona aos antecedentes da guerra. Em “Roteiro de Estudos” os autores sugerem dois exercícios analíticos, e trazem na seção “Mundo das Palavras” duas referências bibliográficas sobre o tema de estudo. Como em outros livros didáticos, apresentam o filme *A Guerra do Brasil* de Sylvio Bach como fonte fílmica, e ao longo do capítulo que se dedica à Guerra do Paraguai apresentaram documentos iconográficos (pinturas e caricaturas).

A *História Geral e do Brasil*, de Cláudio Vicentino e Gianpaolo Dorigo, relacionou a Guerra do Paraguai como iniciativa exclusiva das intervenções brasileiras na região do rio da Prata, afirmando inclusive tal ação como desdobramento das condutas imperialistas naquela porção de território.

Como recursos didáticos os autores apontaram um mapa que apresenta as disputas e conflitos na região platina, além de utilizarem a pintura histórica de Pedro Américo, *Batalha do Avaí* (1877). No entanto, a obra não propôs atividades e exercícios aos discentes, tão pouco sugestões de leituras complementares.

Curioso perceber que a *História Geral e do Brasil* disponibilizou um quadro explicativo intitulado “as causas da guerra: um tema polêmico”, discorrendo sobre as tendências historiográficas sobre o conflito. Apesar de tal preocupação, os autores não



analisaram profundamente as nuances explicativas da Guerra do Paraguai, preferindo reafirmar a visão revisionista da contenda quando: "acrescente-se ainda que os governos da Tríplice Aliança adotaram uma política genocida contra a população paraguaia" (VICENTINO; DORIGO: 2011, 305) ou mesmo quando culpabilizaram a condução da política externa brasileira no Prata como elemento exclusivo "para criar uma situação potencialmente explosiva" (VICENTINO; DORIGO: 2011, 305).

A influência das reflexões revisionistas na composição historiográfica da *História Geral e do Brasil* ainda é patente quando supervalorizou o desenvolvimento econômico paraguaio em detrimento aos outros países envolvidos na guerra: "Apesar de todas as dificuldades, o Paraguai resistiu perto de cinco anos de guerra, mostrando o grau relativamente alto de desenvolvimento e autossuficiência que havia obtido, além do engajamento de sua população em defesa do país" (VICENTINO; DORIGO, 2011: 305).

Percebe-se que a narrativa historiográfica apresentada na *História Geral e do Brasil* foi consideravelmente influenciada pelas teses revisionistas da guerra. Este livro didático pode ser utilizado como material de apoio às aulas, desde que os docentes fomentem algumas reflexões junto aos estudantes, no sentido de esquadrihar com propriedade as variantes explicativas do conflito, sem privilegiar por exclusividade uma única tendência historiográfica.

Em *Conexões da História*, os autores associaram os resultados da Guerra do Paraguai como motivadores do fim da Monarquia e a posterior proclamação da República. As razões do conflito e sua origem são apontadas: "bastante complexas" (OLIVEIRA; ALVES, 2010: 283). Além da indicação dos aspectos fronteiriços entre os países envolvidos, e a "intromissão" do Brasil na política interna do Uruguai.

Logo, os autores construíram algumas explicações sobre o cenário político da região platina, destacando as tensões entre *blancos* e *colorados* e os estancieiros gaúchos no Uruguai. Destacou-se também assinatura do Tratado da Tríplice Aliança, após a invasão paraguaia do Mato Grosso, bem como a formação de Corpos de Voluntários da Pátria, inclusive com uso de violência.

O livro didático, *Conexões da História*, disponibilizou trechos da obra memorialística de José Luís Rodrigues da Silva, em que se registrou a participação de mulheres na guerra. O



recrutamento forçado é abordado mediante a apresentação de charge publicada no *Semanário Carioca*.

Os autores abriram espaço para apresentar os resultados da guerra, afirmando que “as doenças, o frio e a fome mataram mais pessoas do que os combates propriamente ditos” (OLIVEIRA; ALVES, 2010: 284). Neste momento a obra trouxe uma caixa-diálogo onde se explicitou a presença constante de doenças, enfermidades e epidemias nos campos de batalha, por meio da charge de Ângelo Agostini, em que satirizou o fato do cólera: “atacar indiscriminadamente os dois lados” (OLIVEIRA; ALVES, 2010: 284) envolvidos na guerra.

Vale mencionar que os autores propuseram aos alunos uma questão onde pudessem exercitar a reflexão sobre os motivos que levaram ao conflito conhecido como Guerra do Paraguai (OLIVEIRA; ALVES, 2010: 288).

O livro didático *Conexões da História* de Letícia Fagundes Oliveira e Alexandre Alves se converteu em opção interessante para alunos e professores, pois apresentou fontes documentais que confirmaram os argumentos e teses elencadas pelos autores. A proposta de atividade reflexiva ao discente também deve ser aproveitada.

Pedro Santiago, Célia Cerqueira e Maria Aparecida Pontes produziram a coleção didática *Por dentro da História*, onde associaram a Guerra do Paraguai como acontecimento derivado das tensões políticas na região do Prata, mais especificamente do intervencionismo brasileiro naquele espaço e da tentativa em se neutralizar a influência argentina na política regional.

A história do Paraguai foi abordada desde sua independência em 1811, perpassando os governos de Francia, Carlos Antonio López e Solano López. A assinatura do Tratado da Tríplice Aliança como resposta à ação militarizadora Paraguai foi indicada, mas também a composição dos corpos de Voluntários da Pátria e o despreparo das tropas brasileiras para os combates.

Os autores de *Por dentro da História* indicaram a estratégia bélica paraguaia de interiorização de seu Exército após as guerras fluviais, onde a Marinha aliada alcançou vitórias significativas. O provável pânico provocado pelo recrutamento forçado de combatentes e as promessas de libertação no pós-guerra aos escravos que desejassem defender o Brasil nos campos de batalha foram elementos explicativos constantes da obra.



Registrou-se a participação do Duque de Caxias na batalha de Tuiuti, as atividades bélicas capitaneadas pelo Conde D'Eu na Campanha das Cordilheiras e a ênfase no cumprimento literal do Tratado da Tríplice Aliança. A violência, a fome e a epidemia do cólera foram apontadas como as principais responsáveis pelas vítimas na guerra.

A participação de mulheres voluntárias no conflito foi indicada por meio de um desenho publicado na *Semana Ilustrada* onde se visualiza: “elas cuidavam dos feridos da alimentação e das vestes dos soldados” (SANTIAGO; CERQUEIRA; PONTES, 2010: 175). Os autores também disponibilizaram uma fotografia que retrata os soldados negros da Guarda de Caxias durante o conflito e um mapa indicando a movimentação das tropas e os territórios que posteriormente foram anexados por Argentina e Brasil.

O livro didático, *Por dentro da História*, apresentou a estimativa do número de mortos durante a guerra entre 50 e 75% da população paraguaia, a maior parte composta por homens, afirmando a inexistência de consenso quanto ao dado estatístico. Novamente, o fim da Monarquia brasileira foi apontada como produto dos resultados da Guerra do Paraguai. A Proclamação da República é associada ao fortalecimento e profissionalização do Exército no pós-guerra.

Na seção *Conexão Presente*, os autores apresentaram uma caixa-diálogo que trata da constituição do *Mercosul* (1991), marcando as divergências, sobretudo entre Brasil e Argentina no que se relaciona aos rumos do bloco, reforçando que a constituição do mesmo deu-se, inicialmente pela união entre países que se confrontaram na Guerra do Paraguai.

Em *Debatendo a História*, os autores propuseram uma atividade ao discente a partir da análise do trecho da obra de Edgar Luiz de Barros, *Os voluntários paulistas na Guerra do Paraguai* e a leitura visual de desenho produzido por Ângelo Agostini que apresentou o regresso de Voluntários da Pátria ao Brasil. A ênfase do exercício se relacionou às consequências que a guerra trouxe para a sociedade brasileira à época.

Em *Por dentro da História*, a história da Guerra do Paraguai foi contada por vários vieses, auxiliando docente e discente na busca de reflexões mais aprofundadas sobre o conflito. Os recursos documentais (escritos e visuais) colaboraram para a geração de entendimentos coerentes, além da proposta de atividade ao final do capítulo.

No livro didático *História do Tempo Presente* de Antônio Pedro e Lizânias Souza encontramos um espaço dedicado à análise da política externa antes da Guerra do Paraguai,



onde os autores historicizaram as relações internacionais entre Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Neste momento os discentes foram incitados à discussão das “razões que levaram o governo brasileiro a fazer intervenções políticas e militares na região do Prata” (PEDRO; SOUZA, 2010: 375).

Os autores solicitaram aos alunos que gerassem comentários sobre “as características econômicas, políticas e militares do Paraguai nas vésperas da guerra” (PEDRO; SOUZA, 2010: 375). Na seção “O desencadear da guerra” visualizamos um desenho publicado na *Semana Ilustrada* (19/02/1865) que retratou a partida de Voluntários da Pátria do Brasil.

Após, *A História do Tempo Presente*, destacou as motivações que geraram o conflito, enfatizando a intervenção do Império brasileiro no Uruguai, o aprisionamento do navio *Marquês de Olinda* e a invasão paraguaia do Mato Grosso. Os autores disponibilizaram um quadro ilustrativo intitulado “forças envolvidas na Guerra do Paraguai”, sinalizando o número de habitantes, o contingente de soldados e os recursos bélicos (armas) de Paraguai, Brasil e Argentina.

Os autores igualmente apontaram para a diferença de preparo dos exércitos paraguaio e brasileiro no início da contenda. Observam-se comentários em torno da Campanha de Voluntários da Pátria, do recrutamento forçado e da tentativa de alforria de escravos realizada pelo governo imperial para a formação de batalhões.

A longevidade da guerra e os aspectos bélicos marcam a narrativa dos autores. A estratégia inicial de luta em três frentes, a posterior interiorização dos exércitos e as táticas de guerrilha desenvolvidas pelos paraguaios também mereceram destaque.

Os autores se preocuparam em indicar as tendências historiográficas sobre o conflito platino, apontando as consequências da guerra como “marcantes” para todos os países envolvidos. A obra trouxe uma fotografia onde identificamos alguns participantes da guerra: Conde D’Eu, Visconde do Rio Branco e diversos oficiais.

História do Tempo Presente, dedicou breve espaço para refletir sobre os despojos da guerra entre os países envolvidos. Com relação ao Paraguai, os autores confirmaram a tese revisionista do “massacre”, inclusive indicando uma cifra de 500 000 mortos, afirmando que não há consenso historiográfico neste quesito. Para o Brasil, as consequências da guerra aceleraram o fim da Monarquia e precipitaram a Proclamação da República.



Agora indicaremos as abordagens do conflito presentes no livro didático *História em Movimento* de Gislane Campos Azevedo e Reinaldo Seriacopi. A temática da Guerra do Paraguai apareceu no volume terceiro da coleção, diferentemente das obras analisadas até aqui. Os autores analisaram as polêmicas ao redor das interpretações que se dedicaram às causas do conflito, dispondo de um *box* intitulado “uma guerra diferentes versões” (AZEVEDO; SERIACOPI: 2011; 51) onde abordaram as três correntes historiográficas explicativas da guerra.

A obra, por hora apresentada, propôs um exercício aos alunos sobre as diferentes possibilidades de interpretações elaboradas por historiadores. A invasão brasileira ao Uruguai, a deposição do presidente Aguirre, o aprisionamento do navio brasileiro *Marquês de Olinda*, a invasão da Província de Mato Grosso e a declaração de guerra paraguaia à Argentina são indicadas como possíveis estopins para a guerra.

Sobre os Voluntários da Pátria os autores informaram a necessidade à época de uma política de alistamento militar em função da escassez de soldados para a luta numa guerra. *História em Movimento* explicitou os critérios e as condições nas quais foram formados os batalhões de Corpos de Voluntários da Pátria.

Na seção “Olho Vivo”, os discentes podem observar um *box* onde os autores analisam a pintura histórica produzida por Pedro Américo, intitulada *Batalha do Avañy* (1872-1877). Trata-se de pormenorizado estudo deste óleo sobre tela. Os autores subdividiram a pintura em trechos, oportunizando ao leitor uma visualização detalhada da pintura.

Na seção “Patrimônio e Diversidade – Mato Grosso do Sul”, encontramos um breve histórico deste estado brasileiro. Os autores também se dedicaram ao estudo da invasão paraguaia, à incorporação de indígenas nos batalhões, as funções exercidas por eles durante a guerra, além de fornecer dados sobre a cultura e sociedade sul mato-grossense.

História em Movimento se preocupou em pontuar a participação de membros da Guarda Nacional, de escravos e de mulheres na Guerra do Paraguai. Nos deparamos com um mapa adaptado que indicou as porções territoriais preteridas pelos países envolvidos na guerra, bem como as anexações posteriores, além das ações ofensivas e contraofensivas, das batalhas debeladas e finalmente da localização de fortes e fortalezas.

Na seção “Violência e Saldo Final”, os autores reiteram as atrocidades cometidas durante o conflito, registrando o elevado número de mortes causadas por ocasião da falta de



condições de higiene e pela proliferação de doenças no *front*. Ainda neste item, o número de combatentes brasileiros mortos, o déficit orçamentário gerado pela guerra, o fortalecimento institucional do Exército foram elencados como catalizadores de mudanças na sociedade brasileira.

Por consequência, o livro didático comentou as significativas perdas paraguaias, seja no que se refere ao campo populacional ou mesmo dos resultados econômicos e sociais para aquele país. Ao final das reflexões os autores dispuseram de um *box* onde informaram aos discentes a utilização da fotografia como registro memorialístico tanto na Guerra do Paraguai quanto nas Guerra de Secessão nos Estados Unidos e na Guerra da Crimeia.

Em *História em Movimento* os autores sugeriram duas atividades aos alunos sobre o conflito platino: (1) exercício que solicita a identificação dos Estados Nacionais que se envolveram diretamente na guerra e como se deu o desenrolar da contenda, e, (2) quatro questões propostas sobre a leitura e interpretação de dois trechos das *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*” de Richard Burton.

Em nossa opinião, os autores produziram material didático sobre a Guerra do Paraguai que merece destaque. Houve cuidado e esmero na produção da narrativa, além da disposição de elementos visuais e gráficos que colaboraram para um bom entendimento da temática.

História das Cavernas ao Terceiro Milênio de Patricia Ramos Braick e Myriam Becho Mota, dedicou pouco mais de duas páginas para o estudo da Guerra do Paraguai. A seção se iniciou com um breve histórico do Paraguai antes do conflito, passando para a explicitação dos antecedentes da guerra a citar: a formação dos Estados Nacionais na bacia platina, o aprisionamento do navio *Marquês de Olinda*, a proibição da navegação brasileira em águas paraguaias, as invasões das províncias de Mato Grosso e de Corrientes.

Mencionou-se a assinatura do Tratado da Tríplice Aliança, a invasão do Rio Grande do Sul e a batalha naval do Riachuelo. As autoras relacionaram os reveses paraguaios como motivos de isolamento de seu exército e da posterior posição defensiva adotada.

Sobre os resultados do conflito, o livro didático *História das Cavernas ao Terceiro Milênio* afirmou: “ao terminar a guerra, o Paraguai se encontrava arrasado. Perdera todo o seu exército, o mais preparado da América do Sul e quase metade da população” (BRAICK; MOTA, 2010: 299). Aqui percebemos que a narrativa encontrou-se carregada de sentidos ideológicos e vieses ainda marcados pelas teses revisionistas do conflito.



Apesar disto, as autoras pontuaram que a Guerra do Paraguai “tem sido objeto de várias interpretações por parte da historiografia” (BRAICK; MOTA, 2010: 299). No entanto, não encontramos neste trecho da obra, exemplificações historiográficas da tendência que relacionou a guerra à formação dos Estados Nacionais na região platina.

A obra trouxe três elementos gráfico-visuais: (a) uma pintura de Cândido López, sobre a rendição de Uruguaiana (18/09/1865), (b) *box* explicativo sobre a formação do Exército brasileiro durante a guerra, extraído do livro *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai* de Francisco Doratioto e, (c) um mapa adaptado, onde estão indicados alguns dos cenários do conflito, bem como os territórios anexados por brasileiros e argentinos no pós-guerra.

Os recursos didáticos acima elencados não foram acompanhados da devida reflexão. Não foram dedicadas análises mais detidas sobre os resultados da contenda platina no que se refere à sociedade brasileira. A participação de mulheres, escravos e Voluntários da Pátria na guerra não se converteram em objetos de discussão.

Assim, o livro didático *História das Cavernas ao Terceiro Milênio* pode ser utilizado como material de apoio ao docente e discente, entretanto, acompanhado de profunda crítica ao seu teor, principalmente ao aligeiramento do conteúdo apresentado e a ausência de desdobramentos historiográficos importantes à reflexão da Guerra do Paraguai.

Em *Estudos de História*, Ricardo de Moura Faria, Mônica Liz Miranda e Helena Guimarães Campos, a guerra foi tratada na seção “Os conflitos na região platina”. Os autores selecionaram os eventos nos quais o Brasil desempenhou ações intervencionistas na região do rio da Prata, a dizer: (1) guerra entre Oribe e Rosas; e (2) a questão uruguaia. Não há menção à história do Paraguai antes da guerra.

O livro didático se dedicou à divisão da história da Guerra do Paraguai em três fases. A primeira marcada pelo aprisionamento do navio brasileiro *Marquês de Olinda*, a invasão de territórios brasileiros e argentinos e a batalha naval do Riachuelo. O segundo período foi apontado como mais importante onde houve a invasão ao território paraguaio, o estabelecimento de bases de operações aliadas e a respectiva vitória em Tuiuti. Como elementos da terceira fase da guerra, os autores citam a tomada de Assunção em 1869, a Campanha das Cordilheiras e a perseguição a Solano López, até sua morte em Cerro Corá em 1870.

Esta periodização não acompanhou a produção historiográfica mais atual sobre a temática, pois não citou a derrota aliada em Curupaiti, que acabou por redundar na inação das tropas, a mudança no comando geral (Duque de Caxias) e a indecisão no que se relaciona ao ataque à fortaleza de Humaitá, elementos que colaboraram para a longevidade do conflito.

Após, *Estudos de História* problematizaram os dados estatísticos sobre o número de mortos durante a guerra, afirmando a não confiabilidade e certeza dos dados estatísticos. Resultado: o Paraguai submetido à tutela do Brasil no período posterior ao conflito, “além da grande quantidade de mortos, a economia paraguaia ficou em ruínas” (FARIA; MIRANDA; CAMPOS, 2010: 250).

Diferentemente dos livros analisados, em *Estudos de História* os autores procuraram indicar os despojos de guerra para cada país envolvido. Para o Uruguai, o livro didático afirmou que sua participação foi secundária, logo, foi pouco afetado pela guerra. A Argentina perdeu significativo contingente, mas assegurou expansão territorial importante e teve sua “identidade nacional fortalecida” (FARIA; MIRANDA; CAMPOS, 2010: 251). Para os autores, o Brasil “foi o país que mais contribuiu para o esforço de guerra, sofrendo as maiores baixas e custos do conflito” (FARIA; MIRANDA; CAMPOS, 2010: 250).

Em *Estudos de História*, tais contradições competiam também com o escassear de voluntários para a luta e a intensificação do recrutamento forçado, cuja maioria do contingente era negro, assim como de severas críticas na imprensa brasileira com relação ao desenrolar da guerra.

Os autores viram como vitoriosa a atuação da diplomacia brasileira durante a guerra, pois garantiram o fornecimento de armamento fabricado na Europa para abastecer o Brasil e impediram que os Estados Unidos intermediassem um acordo de paz que beneficiaria Solano López. Tais afirmações devem ser relativizadas, pois os diplomatas brasileiros não conseguiram tão pouco a renegociação do Tratado da Tríplice Aliança ou mesmo frearam a difusão de ideias de intelectuais e políticos estadunidenses e europeus favoráveis às pretensões lopiztas.

Estudos de História ainda analisaram as repercussões do fim da guerra no Brasil. A consolidação institucional do Exército e a fundação do Partido Republicano em 1870 são citadas como sinais do fim da Monarquia e a posterior Proclamação da República. Um cenário pós-guerra desfavorável, portanto, aos interesses políticos monárquicos.



Os autores foram cuidadosos na seleção dos elementos visuais que compuseram a seção temática sobre a Guerra do Paraguai. Primeiramente, visualizamos uma tela do pintor histórico Edoardo de Martino, que retratou a passagem de Tonelero, acontecimento anterior ao conflito. Notamos a presença de um mapa adaptado onde se representou o território onde se desenrolaram as principais batalhas da Guerra do Paraguai.

A Batalha do Riachuelo também é retratada no livro didático, acompanhada de legenda explicativa, assim como a reprodução de um selo comemorativo produzido no Paraguai, e que se referiu à guerra como “Epopéya Nacional”. Os autores afirmaram que os paraguaios detêm uma visão do conflito bem diferente daquela discutida no Brasil, Argentina e no Uruguai. *Estudos de História* trouxe ainda a imagem de uma pintura que representou a Retirada da Laguna, produzida por Lopes de Leão, afirmando que aquele episódio da guerra pode ser classificado como um dos mais dramáticos do conflito.

No final do capítulo dedicado à análise dos “conflitos na região do Prata”, os autores trouxeram a seção “Outro Olhar” na qual apresentaram ao discente um trecho da obra *História das Guerras*, organizado por Demétrio Magnoli, e capítulo escrito por Francisco Doratioto sobre a Guerra do Paraguai. Ali, o estudante tem a oportunidade de visualizar o debate historiográfico sobre o conflito platino.

O livro didático, *Estudos de História*, realizou uma coerente reflexão sobre a Guerra do Paraguai, enfatizando seus antecedentes e resultados, dispondo aos docentes e discentes de recursos visuais elucidativos, sempre acompanhados da devida explicitação de seus teores. No entanto, nos ressentimos da falta de comentários sobre a participação das mulheres na contenda.

Ao fim da análise de treze coleções didáticas selecionadas pelo *Programa Nacional do Livro Didático - Ensino Médio* para o período de 2012 a 2014, nos deparamos com alguns avanços e retrocessos historiográficos. Longe do intuito de tipificação dos livros didáticos, nossa missão se fez no sentido de trazer as abordagens da Guerra do Paraguai nessas obras, em que medida as construções narrativas contidas neles estão ou não carregadas de sentidos ideológicos, e mais, tentar medir os níveis de proximidade entre o espaço escolar e a produção acadêmica em geral.

REFERÊNCIAS



- AZEVEDO, Gislane Campos; SERIACOPI, Reinaldo. **História em movimento**: ensino médio: do século XIX aos dias de hoje. v.3. São Paulo: Ática, 2011.
- BERUTTI, Flávio. **Caminhos do homem**: história: ensino médio. v. 2. Curitiba, PR: Base Editorial, 2010.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Guia de livros didáticos**: PNLD 2012: História. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2011.
- CAMPOS, Flávio; CLARO, Regina. **A Escrita da História**. v. 2. São Paulo: Escala Educacional, 2010.
- CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger: **A historia cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- COTRIM, Gilberto. **História Global**: Brasil e Geral. v.2. São Paulo: Saraiva, 2010.
- FARIA, Ricardo de Moura; MIRANDA, Mônica Liz; CAMPOS, Helena de Guimarães. **Estudos de História**. v. 2. São Paulo: FTD, 2010.
- MORAES, José Geraldo Vinci de. **História: Geral e do Brasil**: ensino médio. v. 2. São Paulo: Saraiva, 2010.
- OLIVEIRA, Letícia Fagundes; ALVES, Alexandre. **Conexões da História**. v.2. São Paulo: Moderna, 2010.
- PEDRO, Antônio; SOUZA, Lizânias. **História do Sempre Presente**. v.2. São Paulo: FTD, 2010.
- PELLEGRINI, Marco Cesar; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. **Novo Olhar História**. v. 2. São Paulo: FTD, 2010.
- RAMOS, Patrícia Braick; MOTA, Myriam Becho. **História das Cavernas ao Terceiro Milênio**: da conquista da América ao século XIX. v. 2 São Paulo: Moderna, 2010.
- RUSEN, Jörn. **Razão Histórica. Teoria da História**: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UnB, 2001.
- SANTIAGO, Pedro; CERQUEIRA, Célia; PONTES, Maria Aparecida. **Por dentro da História**. v.2. São Paulo: Edições Escala Educacional, 2010.



SQUINELO, Ana Paula. Revisões Historiográficas: a Guerra do Paraguai nos Livros Didáticos brasileiros - PNLD 2011. **Diálogos**, v. 12, n.1, p. 19-39, 2011.

VAINFAS, Ronaldo; FARIA, Sheila de Castro; FERREIRA, Jorge; SANTOS, Georgina. **História: o longo século XIX**. v.2. São Paulo: Saraiva, 2010.

VICENTINO, Claudio. DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil**. v.2. São Paulo: Scipione, 2011.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7084.htm. Acesso em 30 de março de 2015.